

Sonho

Carlos Alberto M.G. Mota.

1-Paredes

Gustavo olhava as paredes como sempre fazia, melhor, como sempre costumava fazer. Olhava-as e pensava se elas teriam sido construídas de cima para baixo ou de baixo para cima e depois pensava na burrice das suas próprias ideias. Aliás não interessava nada disso. Seria até curioso que as paredes fossem feitas de cima para baixo, mas não era nada provável. Nem essa “Liberdade” existia, pensava Gustavo! Que Liberdade existiria? Quando novo mudara-se para aquele bairro, aquela terra, aquele lugar, aquela casa.

- Lembro-me do Banana, do Pneumático, do Garrafão, grunhiu Gustavo em direcção ao amigo Emílio. Lembras-te deles? Não, nem quero saber disso. Para que nos devemos lembrar do que já não existe? Tens razão, Emílio, já não existe. Mas existe, no fundo existe porque foi o que fez com que existisse o que agora existe, existe porque existe em nós, existe ainda... Deixa-te de coisas de velho, Gustavo! Nem tu existes, já pensaste nisso?

Gustavo irritou-se ligeiramente e continuou a falar consigo mesmo. Emílio era demasiadamente realista para o seu gosto. No fundo considerava-se um “grande desmistificador”, como lhe dizia Gustavo. Mas não o era. Nem ele nem ninguém, de resto.

Passara muitos anos ali, no Bairro de Santa Clara, entre Víboras e Camelo, número 31, como constava do seu endereço postal. Vira Mundo ou não vira nada? Andara embarcado uns anos, hoje não sabia se isso lhe fizera bem, se lhe fizera mal, se não lhe fizera nada! Encontrara recentemente um jovem. Teria uns vinte e sete anos, o miúdo, era médico, sabia muito mais da vida do que ele! Pelo menos ele, Gustavo, achava isso. As viagens não lhe tinham dado informações especiais, talvez o tivessem até tornado uma pessoa mais confusa, meio místico, sem sentido de objectividade, sem conhecimento real de nada necessário. Afinal qualquer médico sabia mais que ele e era mais útil do que ele jamais poderia ser! Ouvira falar de um poderoso homem de Bem, indiano, que curava à distância. Estivera lá, na Índia e não aprendera nada, matutava agora. Pode aprender-se algo no meio da mais profunda miséria?

Talvez se possa aprender a resignação. A resignação é um dom? Uma arte? Uma sabedoria? Olhou as mãos. As palmas das mãos. Havia quem misturasse conhecimentos científicos com a leitura das mãos, com o indagar dos signos. Nada disso teria sentido, pensou. As mãos eram como as paredes. Contavam histórias. Mas contavam sem grande rigor: podiam enganar facilmente. Os traços das mãos eram como pinturas rupestres. As suas mãos o que diriam a um estranho? Nada. Era o mais certo.

- Deixa-te de parvoíces e vem comer. Vou já, Emílio. Meteram-se a caminho. O Sol era cada vez mais forte. Fritava, não queimava. Antes, muito tempo antes, queimara; havia já uns anos que o Sol fritava, estava cada vez mais difícil de suportar.

- Sabes alguma coisa do Abrigo? Vamos passar à porta... Sim, ouvem-se uns ruídos por lá, respondeu Emílio. A nova legislação que foi publicada é mais restritiva, já sabias? Não, que se passa? Ora, deu na televisão. A partir dos sessenta e cinco anos é obrigatório o internamento no Abrigo.

- Hum, com a confusão que vai por aí, não sei se conseguem implementar isso!

- Conseguem! A confusão existe, está tudo em mau estado, vê-se isso, mas implementar essa medida é simples. E de resto quem quereria evitar tal coisa? Os velhos incomodam, enchem espaços, queixam-se, comem. No Abrigo tratam deles, nada mais sucede, por mim acho bem. Aliás se não fosses tu não teria com quem falar. No Abrigo sempre terei alguém, é fatal! A quantidade de pessoas que lá está! É natural que no meio daquela gente toda encontre alguém com quem falar. Cá fora é mais difícil. Estavas a falar de tipos de quem mal me lembro, mas existiram, eu sei; e depois? Onde estão eles?

- Chegámos. O cheiro é fraco hoje! Cheira ao viando do costume, Gustavo! Tu estás muito exigente! Não, Emílio, tu estás muito conformado! Não interessa, come!

Comeram em silêncio. Era obrigatório o silêncio, depois de se sentarem. Umhas duas mil pessoas enchiam mesas enormes, compridas, cheias de “viando”, algo semelhante a uma salsicha com arroz dos tempos idos. Tudo misturado, dava para comer. Não se pagava, bebia-se líquido belo. Era parecido com perfume, aquele líquido. Diziam que tinha complementos vitamínicos. Meio esverdeado, ia pela garganta de forma viscosa, pensou Gustavo.

- Viscosa! Lembrou-se de súbito de muitos anos antes ter ouvido a mulher gritar isso. Estava na rua, tinha acabado de chegar. Eram outros tempos. Ela vendia cola de sapatos. Estava um dia solarengo, um vento quente soprava do porto, os navios enormes e

ferrugentos entravam pastosamente. Gustavo recuou, ouvia a mulher gritar “Viscosa!”. Aproximara-se dela. Amaram-se e de que maneira! Nunca pensara que se podia amar alguém assim, sem mais nem menos! Mas de todas as vezes que lhe falara nisso, Dayna respondera-lhe.

- E como se ama alguém? Não é sempre sem mais nem menos? Queres explicar tudo? Para quê? Que lucras com isso?

Não tiveram filhos nem sentiram necessidade disso. Naquele tempo já a chamada “pílula” matara o homem branco.

- A pila é contrariada pelo efeito da pílula, dizia Banana, um dos primeiros amigos que Gustavo tivera quando chegara ali. E vai acabar com o homem branco, dizia ainda Banana, rindo-se.

Nesse tempo trabalhara um pouco como tudo. Pintara paredes, remendara canos, estudara à noite, tornara-se professor. Nos intervalos estava com Dayna. Fugiam para os locais mais improváveis e devoravam-se mutuamente. Realmente não havia explicação para o desejo que sentiam um pelo outro nem para a empatia que também os unia nos mais absurdos pormenores. Muitos anos assim estiveram, envelhecendo ao ritmo do caracol. Devagar, foram-se tornando mais velhos. Quando não tinha nada que fazer Gustavo ficava em casa. Dayna tinha uma enorme roda de amigos com quem passeava, por vezes durante dias e dias, até regressar de novo e sempre à companhia de Gustavo. Ela gostava de sair, não propriamente para ver nada de novo, mas apenas para sair. Ele ficava. Achava que não havia nada de novo, costumava dizer que tudo seria cada vez mais parecido, no futuro, conforme já estava a ficar, naquele tempo.

- Que interessa viajar muito? A Terra inteira é um grão de areia, no Universo! Sim, Gustavo, mas nós somos um grão de areia, em relação à Terra! Por isso interessa viajar.

Dayna tinha razão, meditava Gustavo, mas só em parte. Ele viajara e não lhe apetecia viajar mais. Não lhe adiantava ir ver mais nada. Assim ficava em casa, tomava conta do galo de Dayna. Ela considerava imenso aquele galo! Chamava-lhe pequenino, dava-lhe de comer, o bicho era manso para ela. Gustavo sofreu algumas bicadas do galo. Irritava-se mas depois passava-lhe. Os humanos precisam de bichos para não sentirem a sua solidão!

- Sim, Gustavo, concordo! Temos telefones num bolso, falamos com gente de todo o planeta, mas temos solidão! É o grande tema dos nossos dias. E temos solidão também porque queremos. Não somos obrigados a isso...

- Somos, Dayna! Escolhemos um tipo de vida que leva à solidão! Não queremos a companhia de amigos, nem de conhecidos, nem

dos nossos velhos, não temos crianças, não as queremos ter, precisamos de animais. Sem eles morreríamos ainda mais cheios de solidão!

- Não preciso disso tudo. É preciso saber viver connosco. Temos de nos habituar a viver connosco, a gostar de nós mesmos. Se o conseguimos estamos bem quando estamos sós.

- Mas tu gostas do teu grupo de amigos, Dayna!

- Também gosto de ti, tolo, mas aguento bem isso a que chamas solidão. Acho mesmo que esse é o caminho: encontrar maneira de estar só, gostar de estar só, assim nunca estaremos mal. Quando envelhecermos, se tivermos sofrimento físico insuportável, não me oponho a que acabem com a nossa vida; é preferível morrer a viver cheio de dor física.

- Sim, deve ser. Viver por viver é absurdo.

- Não é, não! Enganas-te, Gustavo! Há muito que se sabe que a vida quer viver! Parece estranho, mas é isso: os seres vivos pretendem continuar vivos!

Naquela tarde passou imenso tempo a raspar uma parede da casa do Senhor Bien-Li, um chinês muito rico e com péssimo feitio. Dizia-se que Bien-Li era até agressivo e perigoso. Pagava mal, mas nessa altura Gustavo estava necessitado de dinheiro e depois de raspar a parede da casa de Bien-Li começara a pintá-la. Ele gostava de um vermelho escuro, ele Bien-Li, bem entendido, Gustavo achava aquela cor horrível para uma parede exterior, mas quem mandava era o cliente. O cliente, aquele cliente mandava cada vez mais, não só na cor das paredes da sua casa mas em muito mais coisas, mandava no comércio da terra, mandava em produtos e na sua distribuição, emprestava dinheiro a juros, controlava prostituição. Era um homem poderoso, cara feia, mantinha distâncias, falava muito pouco e com voz feroz. Dava ordens, não conversava.

Gustavo pensou um pouco, pensou alto, enquanto raspava a parede, que levaria os homens poderosos a serem tão parecidos (ao que parecia) ao longo da História?

Pelo que sabia, os homens poderosos sempre tinham sido assim, como Bien-Li! Pouco dados a confianças, pouco generosos, muitas vezes com mau gosto, metidos em negócios que a ele, Gustavo, repugnavam, mas eram e tinham sido assim, os homens poderosos.

- Talvez por isso sejam poderosos e tu não! Pneumático afastou-se dele, enorme e gordo, abusando da sua famosa flatulência que lhe valera a alcunha.

- És um burro, Pneumático! Vê se apareces, logo. O gordo foi-se e não respondeu. Gustavo gostava dele mas agora tinha de continuar

a obra para Bien-Li.

De noite contou a Dayna esse pensamento que tivera sobre os homens poderosos.

- Ora, todos somos predadores! Apenas isso. Uns mais que outros, um pouco mais, não muito mais. Esse tipo nem é poderoso. Nada é poderoso, neste pequeno planeta!

- Mas tu dizes que somos pequenos em relação ao planeta, logo ele é grande e há gente poderosa em relação aos outros!

- Olha, hoje não me apetece discutir contigo. Vou estupificar. Gustavo sabia que ela ia ver televisão. Ele ficaria um pouco ao telefone, depois leria algo, nem sabia o quê e dormiria. No dia seguinte diziam que choveria e ele tinha que continuar a obra de Bien-Li. Ainda seria melhor que terminasse o serviço. O fulano podia encher-se e não lhe querer pagar. Era famoso por fazer coisas dessas. O que lhe valia era o pequeno salário que tinha agora como professor. Lembrava-se do tempo em que Bien-Li, melhor o pai dele chegara. Mas até isso sempre tinha sido assim! Há gente que chega, primeiro com muito cuidado, depois instala-se, mais tarde, quando bem instalada, começa a tornar-se importante, a mandar nos outros e até a ser perigosa! E há os outros, os que presenciam a sua própria decadência e não se apercebem dela ou não a querem ver e nada fazem em relação a isso.

- Decadência, progresso, homem branco, homem preto, tudo isso é conversa antropocêntrica, cortara Dayna.

- Que interessam essas ideias? O que poderia interessar algo era a espécie, ela talvez resista, mas não na sua forma actual, alguns continuarão a existir, mas depois da necessária evolução. É isso que penso.

- Sim, Dayna, consegues ver sempre uma enorme dose de asneira em tudo o que digo, já reparaste?

- Não, não reparei; não é verdade. Dizes muitas asneiras, mas podes melhorar; tens é de querer melhorar, aprender, ser humilde, em vez de exprimires opiniões assim, sem mais nem menos, coisas balofas.

- Está bem, eu até me calo. Hoje vou ver se acabo o trabalho na parede, o Garrafão vai ajudar-me.

- Vê se ele não leva aquele vinho horrível; já por três vezes bebeste demais!

- Ora, Dayna, eu nem bebo, não posso beber, não gosto de bebidas!

- Cala-te, sei o que digo, tens bebido demais!

A tarde foi passada com Garrafão a ajudar. Pintaram a parede toda, pareceu-lhes que o serviço estava bem feito. No final falaram

com Hu, um dos criados de Bien-Li. Hu olhou a obra, fez uma cara de indiferença, indecifrável, não disse coisa nenhuma.

- Então, perguntou Gustavo, sabendo que Hu não responderia, nada diria sem por sua vez saber o que diria o patrão.

Passado algum tempo surgiu Chang, um dos imensos filhos de Bien-Li. Olhou a parede, emitiu uns sons estranhos. Parecia falar assim propositadamente. Hu nada disse, mais uma vez. Era quase um mudo profissional, pois não era mudo, apenas assumia a falta de voz, como já tinha assumido a falta de ideias próprias. Gustavo e Garrafão também pertenciam à imensa legião de gente que apenas entre iguais tinha voz, eram “mudos”, para todos os outros. Gustavo pensou na imbecilidade desta situação. Quantos “mudos” existiriam neste mundo?

- Mudo no Mundo, recordou Gustavo: eis como um tipo uma vez disse que estávamos! Lembro-me de ter ouvido isso, nem ele sabia como estava correcto o que dizia! Gustavo teve um arrebatamento súbito e exclamou:

- Mudos!

Dar voz aos mudos seria um papel dos professores. (Já agora, era só mais uma tarefa).

Só se pode falar quando se sabe falar; há quem escreva sem saber escrever, mas isso é outra coisa! Nem todos podem ser "génios" muitos terão de ser trabalhadores nas obras. Nem todos podem ser cantores, heróis, castigadores dos que se "comportam mal".

Quanta gente passa uma vida sem nunca ter podido dizer nada; e no entanto, muita dessa gente tinha o que dizer. Tanta gente tinha assunto, algo para contar e nem sequer aprendeu a ler...

Também há os mudos por opção. É uma questão de posicionamento neste mundo. Mudo no Mundo! - Mas que belo refrão! Não é "Mudar o Mundo" – não se querem mudanças, querem-se silêncios, para que haja calma. Conheço quem defenda tal sábia postura: "entrar mudo e sair calado". Por razões muito diferentes, estou em achar que é assim que a maioria da humanidade pela crosta do planeta passa: são os milhares de milhões de mudos, calados pelas mais diversas razões. Calou-se. Hu voltou. Virou-se para eles.

- Patrão dizer que obra má! Toda mal feito, toda mal! Patrão não gostou, Estavo!

- Sim, ele nunca gosta, e o pagamento?

- Aqui. Tomem estes centésimos. Patrão não dá mais. Vocês trabalham mal. Ele vai mandar vir mais gente para fazer estes trabalhos. Vocês fazem toda mal. Não trabalham bem.

Gustavo foi-se embora, ele e Garrafão, com o triste pagamento.

Mas era melhor que nada.

Dayna vivia do seu trabalho, como toda a gente. Era professora de piano. Parecia estranho, num tempo daqueles, mas muitas pessoas queriam aprender piano. Talvez não fosse estranho, talvez isso também se devesse à solidão. O piano ou outro instrumento musical ajudam a vencer a solidão, ou a conviver com ela. Os alunos de Dayna eram sobretudo gente entre os cinquenta e os setenta anos de idade. Jovens e crianças quase não existiam. Mesmo assim algumas crianças também aprendiam música. Recolhidos em casa, de noite, ouviam os ecos da noite. Por vezes chovia. Em geral fazia calor, ouviam-se insectos. Insectos que tomavam conta do espaço. Gustavo recolhia-se muitas vezes em casa, sempre que não tinha obras para fazer e sempre que não tinha aulas para dar. Estudara à noite, aprendera uma mistura de coisas. Ensinava disciplinas semelhantes a cultura geral numa espécie de “Universidade Sénior” ou seja, Universidade para a Terceira Idade. A educação atingira um objectivo curioso. Tornara-se algo que acompanhava as pessoas “do berço ao túmulo”, embora “do berço” nem tanto, em termos numéricos. Tal como há daqueles namoros eternos, às vezes chamados “noivados do sepulcro”, também a educação parecia querer agarrar os alunos como quem agarra uma presa preciosa, sem os largar, até ao túmulo. Podia dizer-se que quem caísse nas garras da educação não mais saía.

2-Ruas

Podia não parecer, porque era modorrenta, mas a cidade em que Gustavo fora viver era grande. Não era gigantesca, como muitas que existiam planeta fora. Estivera nalguns desses monstros urbanos. Não era o caso da sua cidade. Mas era bem maior do que parecia. Cidade calma, quente, onde se conheciam quatro ou cinco pessoas, era grande. Gustavo andava em transportes públicos com Emílio, para ouvir os comentários que este fazia. Achava graça aos comentários de Emílio. Não porque eles fossem engraçados, na realidade não tinham graça nenhuma, mas porque eram pertinentes.

- Repara no silêncio; as pessoas são incapazes de falar uma com as outras. Olham para os próprios sapatos, é a maneira melhor que encontram para não olharem os rostos dos outros. Vamos sair e entrar num prédio. Assim faziam.

- Vem, vamos andar de elevador. As pessoas sentiam-se mal, nos elevadores. Não por sofrerem de claustrofobia, mas por detestarem a proximidade dos outros. Pareciam sofrer do horror à sujidade, encaravam os outros como se eles estivessem sujos. Mas não era possível limpá-los. Nos elevadores os passageiros sentiam-se desesperados com a duração da viagem. Ela parecia enorme, incómoda, invasiva. Os elevadores eram horríveis: tinham seres humanos. Ainda por cima os humanos estavam perto. Podiam tocar-se, sentia-se a sua respiração.

- A única defesa é fazer como eles: olham fixamente para o tecto do elevador. De cada vez que ele pára sente-se um arrepio, uma raiva, porque assim a viagem dura mais tempo. Quando se chega ao destino e a porta abre, passa-se entre os outros passageiros procurando não os tocar. É um enorme alívio sair do elevador.

Gustavo passeava pelas ruas da cidade. Eram largas e compridas. A marginal, ao longo de um mar nem sempre calmo fazia uma curva, adequando-se à geografia. Porque existiriam tantas Avenidas marginais com esta ligeira curva? Conhecia muitas, algumas só de fotografia, mas sabia que era assim. As ruas eram revestidas a alcatrão. Em tempos teriam tido pedra, agora já não e Gustavo não se lembrava desses tempos, de antes do alcatrão. Os prédios estavam quase todos gastos e sujos. Funcionavam com problemas. Havia canos estragados, paredes que necessitavam de concertos, pintura fresca era coisa rara. Portas esventradas, grades de ferro já podres, a cidade parecia parada no tempo. Mas não era assim. Aspectos novos surgiam a cada esquina. Câmaras de vigilância estavam por toda a parte. Algumas de forma a serem vistas, outras muito alto, todas, no entanto, de maneira a serem percebidas na sua intenção de controlar. Os cidadãos eram curiosos, no seu andar rápido. Não se falava com estranhos, isso era considerado ridículo e sinónimo de pouca inteligência e cultura. As pessoas tinham abandonado os famosos “telemóveis” com imagem. Preferiam os que não tinham imagem alguma. Gostavam muito mais de falar sem ver ninguém “do outro lado”. Assim era como falar sozinho. Muitas pessoas entretinham-se durante horas com jogos de computador. Os jogos individuais eram muito apreciados. Estar em casa, ver televisão, falar com alguém sem ver nem ser visto eram ocupações interessantes. Alguns teóricos tinham chegado a prever a decadência da televisão, mas tinham-se enganado completamente. Longe de perder interesse e adeptos, a televisão ganhara cada vez mais adeptos. Havia muitos canais e tinham caminhado num sentido curioso: a fusão! Os canais eram todos semelhantes e não eram

“temáticos”. Todos transmitiam de tudo! Lutas de mulheres na lama, desportos motorizados, circo, comícios políticos, filmes de todos os tipos, noticiários para todas as cabeças, enfim, como dizia um apresentador, Carlos, “a televisão é hoje o circo que engloba todos os circos; e vai a casa, não é preciso ir à televisão!” Gustavo ficara apardalado, quando ouvira esta definição pela primeira vez. Não gostava deste Carlos, não gostava de Carlos nenhum, havia “Carlos” destes de serviço em todos os inúmeros canais de televisão disponíveis, mas tinha que admitir que ele tinha razão! Ainda por cima, os canais todos pareciam uma infinita repetição de um só, tais as pareências na grelha programática. Um concurso no qual um pai era assassinado e devorado pelos filhos adoptivos fora aprovado num país de nome confuso. Embora aqui fosse proibido realizar tal concurso, ele fora transmitido. E tivera uma audiência gigantesca. Entretanto o “must” nacional era outro concurso no qual um filho seduzia a própria mãe e os dois faziam sexo perante as câmaras! Gustavo não sabia bem o que pensar destas coisas. Achava que ainda se escandalizava, mas não estava bem certo disso. Os amigos, quando ele colocava interrogações sobre esses assuntos respondiam-lhe que ele também via os programas que criticava.

- Não vejo! Deixa-te de parvoíces, Gustavo! Sei que fazes como toda a gente: vês! Ficava irritado com estas observações de Garrafão. Mas afinal todas as pessoas que conheciam, desde Dayna a Emílio, passando por Banana ou Pneumático, achavam o mesmo: “é a vida”, comentavam. E viam o que lhes davam para ver.

- Tens que perceber que a vida está difícil, muito difícil mesmo, é preciso ganhar dinheiro!

- Sei disso, ia dizendo Gustavo.

- E não é só isso; repara que se os problemas que temos fossem esses, bem estávamos! Temos problemas gravíssimos, chegamos a casa cansados, queremos esquecer. Os programas de televisão são um maná!

- Mas tu dizes que vais estupidificar, Dayna!

- Digo, e vou, mas tenho a consciência de que me faz bem, entendes?

- A televisão faz bem, então, tentava Gustavo. Faz, ajuda a viver. E deixa lá, é verdade: fossem os males todos isso!

As ruas da cidade estavam vazias, normalmente. De dia as pessoas iam trabalhar e fora as poucas que se ocupavam a consertar os esventrados edifícios, onde várias famílias habitavam, as outras não se viam nas ruas. De noite as pessoas estavam cansadas e

recolhiam cedo a casa. Os divertimentos eram caseiros, até chegar o sono. Não era a rua o centro da cidade. Era a casa, embora velha, gasta, com problemas, a casa era o centro das vidas. Naquele tempo já não se viam estrangeiros. Gustavo lembrava-se de outro tempo durante o qual era normal viajar, ou ver estrangeiros nas nossas próprias cidades. Isso acabara. As viagens tinham sido consideradas um desvio comportamental. Havia múltiplas razões para isso. Gustavo concordava com esta análise. A Liga Multinacional decidira restringir as viagens. Doenças, ideias erróneas, recursos financeiros desperdiçados, tudo devia ser combatido. As “ideias erróneas” tinham sido algo contestado, na disposição legal adoptada. Mas era verdade: se uma ideia se tivesse que propagar, boa ou má, argumentara Steve Mc Laren, Presidente da Liga, isso aconteceria pela televisão! Também o Vice-Presidente, Michael Apple acrescentara a importância da preservação da Natureza, conseguida pelo fim das viagens de milhões de indivíduos. Tinha razão, sem dúvida! De resto, Gustavo achava que tanto Mc Laren como Apple eram verdadeiros pensadores, para além de brilhantes gestores.

- As cidades ficam mais tristes, assim. Pois, Garrafão, mas atenta bem no argumento de Apple: estamos a garantir a conservação da Natureza. Depois repara: é como eu próprio penso! De que adianta viajar dentro do planeta se ele é um grão de areia numa praia infinita? Onde vamos nós? Mesmo quem fosse a Marte, em termos cósmicos era como ficar quieto! Então que fique quieto desde já; poupam-se imensos recursos!

- Sim, mas muita gente perdeu empregos, com essa legislação!

- Perdeu, mas ganhou! Ganhou tranquilidade, paz de espírito, ruas mais calmas, praias mais limpas, enfim, cada um na sua terra, por mim acho bem!

- Mas não achas que as cidades estão degradadas?

- Não. Estão como estão e repara: se aqui viessem muitas mais pessoas, pior seria.

Gustavo passeava-se pelas ruas. Desde que chegara à que seria a sua cidade final, sabia que isso seria assim, não sabia porquê mas sabia. Foi passeando pelas ruas da cidade, fez toneladas-metros subiu, desceu, conheceu recantos, reparou em pormenores que aparentemente ninguém via e aprendeu a amar aqueles edifícios, as ruas, os passeios. Com o tempo, depois da morte de Dayna as suas ideias foram mudando.

Dayna faleceu inesperadamente. Sempre o preparara para isso. Dissera-lhe muitas vezes que na família dela as pessoas viviam poucos anos.

- Menos de setenta anos, ficas a saber!

- Não quero saber isso, não me digas essas coisas!

Mas de facto foi o que aconteceu. Num repente a vida de Dayna foi-se fugindo, como que se evaporando, tornando-se espírito, sopro. Os médicos nada sabiam explicar, ou não estavam interessados no assunto. Havia uns Centros de Reabilitação onde os cidadãos com menos de sessenta e cinco anos se podiam dirigir, caso estivessem doentes. Foram a um desses centros várias vezes. De todas as vezes, mandaram Dayna para casa.

- Dores ligeiras; não tem nada. Tome pragamol, não é agressivo, é barato e melhora.

- Pragamol? Isso faz mal ou bem? Acho que não faz nada, mas é barato, disse-lhe Emílio.

- Deixa! É a vida! Dayna irritava-o, com esta calma fria com que encarava tudo, até a própria morte! Começou a não querer deixar o quarto, refugiava-se frente à televisão, tirava-lhe o som, adormecia. O Pragamol parecia induzir o sono. Seria por isso que o receitavam? Gustavo sabia que não havia dinheiro para tratar ninguém, de há muito que era assim. Apoderou-se dele uma tristeza, uma sensação estranha, nem revolta conseguia ser. Os conhecidos, Banana, Emílio, Garrafão, Pneumático e a própria Dayna, achavam tudo natural. Ele não achava tudo natural, não sabia porquê. Deveria pensar que era natural que as coisas fossem como eram; seria melhor para ele mesmo e até para os outros.

Dayna foi-se morrendo, como se dizia em castelhano. Nunca gostara daquela maneira de descrever a morte, mas era assim que se dizia em castelhano.

Quando aconteceu o fim, compareceu o necessário oficial mortuário. Vieram pelo correio, meses depois, uns restos contidos num vaso cerâmico fechado. “Dayna M.”, era a única inscrição.

Por essa altura já Gustavo andava muito mal. As ruas abafavam-no, estivesse fresco ou o habitual calor. As casas pareciam dançar à sua frente, dava a ideia de que iam tocar-se no cimo e cair sobre ele. Os amigos não ligavam. Tinham estado com ele algum tempo, mas agora já não era possível aturá-lo mais. Até a irmã de Dayna, que na realidade não gostara nunca dele, mas gostava de Dayna lhe disse para ter paciência!

- A vida é assim! Aguenta como um homem!

Ficara furioso. Como um homem? Ry, a irmã de Dayna, sempre tivera um discurso favorável à igualdade entre homens e mulheres e vinha agora com esta conversa? Mas não interessava discutir.

Gustavo foi-se metendo cada vez mais no Trazamal, um medicamento que Emílio lhe obtinha. Por vezes, quando a saudade

apertava mais, misturava aquilo com o vinho de Garrafão e ficava horas sem consciência. Sabia que podia morrer de paragem cardíaca, tinha medo disso, no fundo não o desejava, mas havia momentos de dor muito intensa, que superava assim.

3-Voando

Foi da mistura de drogas com a sua dor que Gustavo descobriu uma nova forma de encarar a existência: voar! Voar sobre as coisas, era o melhor. Descobriu também que nunca tinha pensado nisso, mas era o que as pessoas todas as que conhecia e as outras faziam. Tinha a certeza disso, embora não conhecesse as pessoas. Nem precisava, pois nós somos todos muito parecidos, mesmo com aqueles que odiamos!

Tomava um pouco de Trazamal subia a um telhado e contemplava o porto. Era tão belo! Jamais se apercebera de como aquele porto era belo. E no entanto chegara à cidade há mais de vinte anos. Nesse tempo, quando chegara, podia-se viajar. Eram coisas antigas. Os navios entravam pachorrentos e iam embora, também vagarosos.

Um fim de tarde, olhando os navios, teve um pensamento que nunca tivera antes. Foi algo que o invadiu subitamente, como o medo que por vezes toma conta de nós subitamente, arrasadoramente, controlando-nos. Vivemos todos em cidades, cada vez só mais cidades, estamos cercados nestas cidades! Sentiu-se cercado, ele próprio, como se milhares ou milhões de inimigos o rodeassem, prontos a atacá-lo, sem lhe darem espaço para fuga! Abanou-se. Estava no cimo de um telhado. Não havia inimigo nenhum ali! Entendeu que a sua clarividência estava vedada aos outros porque não estavam loucos como ele.

Começou então a sonhar e o seu sonho tornou-se cada vez mais forte. Queria sair dali! Sabia que isso era proibido, a legislação que ele próprio tantas vezes enaltecera estabelecia essa proibição, mas, entendia agora, estava contra essa legislação. Era uma idiotice pretender que todas as pessoas (exceptuando pouquíssimas como os marinheiros) permanecessem toda a vida num mesmo lugar.

Resolveu falar disto à única pessoa a quem se atreveria a contar este “desvio comportamental”: Emílio.

- Há muito que penso isso, Gustavo! Nunca te respondi, porque,

como sabes, eles sabem o que pensamos. Não digo nós, por exemplo, que não temos importância, mas até de nós podem saber e olha que não é bom!

- Mas não achas que devíamos poder viajar?

- Já disse que sim, Gustavo. No entanto é proibido. Tenho pena de ti. Entendo-te. Compreendo-te! Esta cidade ficou sem sentido para ti, não foi? Olha, mas isso, o sentido, não está, quer dizer, não reside em lado nenhum. Deves sabê-lo. Também não devia sentir piedade de ti, desculpa-me por sentir isso, mas é o que sinto! Tenho um presente para ti, algo que talvez te ajude a aguentar a tristeza, pelo menos a diminuir essas porcarias que tomas, para continuares a viver. Mas não podes revelar o que te vou mostrar a ninguém! Se o fizeres iremos ambos para o Depósito Central. Queres isso?

- Que horror, Emílio! É claro que não quero isso! Não há quem queira tal coisa! Pensou no que se dizia do Depósito Central, uma fábrica de escravos montada dentro de um enorme petroleiro esvaziado. Aí, prisioneiros amarrados produziam o vestuário de toda a população, sem horários, sem alimentação, quase sem beber, a golpes de chicote. O mínimo que se tinha eram vinte anos de pena, mas não havia quem resistisse vinte meses. Mesmo assim, com essa imagem tenebrosa na cabeça, Gustavo queria saber que surpresa teria Emílio para lhe mostrar.

- Vem comigo. Andaram por ruas infundas. Como sempre não se via ninguém. Estava calor. Era normal. Subiram uma rua imensa e num local antigo, umas letras permitiam ler “zeta”. Emílio acercou-se de uma porta velha, deu-lhe um encontrão calculado, entraram apressadamente, fecharam a porta.

Havia luz na velha casa. Papel, muito papel velho por todo o lado. Emílio fez-lhe sinal.

- Pega num com cuidado e lê. Vais gostar. É aqui que passo a maior parte dos meus dias. Mas não digo a ninguém.

Gustavo pegou num maço de papel e leu um título: “Gazeta”. Era isso afinal, o que estava lá fora. Aquele “zeta” era a terminação de “Gazeta”.

- Que é isto?

- Um jornal, Gustavo, algo que não existe há muitos anos, mas houve muitos antes da constituição da Nova Estabilidade. Tu não és desse tempo? Pensava que fosses.

- Não me lembro, mas vou ler.

Passadas horas Gustavo abandonou a casa. Estava contente. Lera coisas que não sabia bem o que eram. Pareciam as informações da televisão, mas estavam escritas! Nunca vira nada daquilo.

- Este tipo de coisa foi proibido, Emílio?

- Sim, mas alegre-te: sei que vão deixar que volte a existir. Com controlo sobre o que se escrever lá, mas esse tipo de coisa, como tu dizes, vai voltar a existir.

Gustavo sabia que Emílio tinha mais qualquer coisa na sua vida do que parecia. Aliás sabia ele e sabiam os que melhor o conheciam, não era assunto público, Emílio não se gabava de ser algo diferente, mas sabia-se que o era. Talvez por isso, por ser como era, Emílio soubesse coisas que Gustavo desconhecia. Por exemplo, esta história agora, de os jornais irem voltar a existir. Emílio estivera ausente, muitas vezes, Gustavo sabia-o. Tinha um porte físico impressionante, sem ser um monstro. Mas era impressionante. Gostava de andar à pancada e era muito eficaz nessa actividade. Homens bem maiores que ele temiam-no. Emílio dissera a Gustavo que estivera em lugares diferentes, havia muito tempo e fizera parte de guardas especiais. Sabia manejar armas, coisa que Gustavo e a maioria dos cidadãos desconheciam. Gustavo perguntava-lhe como eram esses lugares onde ele andara. Contou-lhe situações curiosas. Estivera nuns reinos asiáticos, disse-lhe. E depois? Depois, disse Emílio, um dia dei comigo a pensar: afinal, para onde quer o chefe disto ir? Mas e os outros, para onde querem ir? Vemos gente pobre, vemos gente com educação, há prostituição, mas em que lugar não há? Não será científico, mas é humano, eles acham que não estão mal, feitas as comparações. Autoritarismo existe, mas não abertamente. As pessoas tratam-se com respeito, como em tantos lugares também. Saímos assim como quem pensa “já nem sei que pense”, dessas terras tão comuns, afinal...

- Mas isso é curioso, Emílio! Foi o que encontraste, pelo planeta fora, nesses trabalhos que fazias?

- Sim, olha, é realmente curioso, sobretudo visto hoje, tantos anos depois; nem eu sabia o que andava a fazer; andava a espiar gente? Mas gente somos todos, somos todos gente, com aspectos melhores e piores. No fundo mandavam-me verificar se aquela gente era gente e eu ia e voltava de lá e escrevia relatórios secretos (nem sei quem os lia, ou se os liam) nos quais relatava que eles eram humanos!

- Curioso, Emílio. Passaste parte da vida a arriscar a vida para dizer banalidades?

- Sim, no fim do serviço acabei por pensar isso mesmo. E o pior, o que menos sentido fazia é que naquele tempo já existiam muitos meios que permitiam espiar os outros sem arriscar as vidas de nenhum de nós. Esse aspecto acabou por me deixar um sentimento amargo, quer dizer a noção de que me tinham exposto a enormes

perigos sem necessidade alguma, pior, sem chegarem a conclusões diferentes das que teriam por meios também diferentes, sem usarem a vida alheia, como usaram a minha, com absoluta indiferença. Pensei nisso muitas vezes. Do ponto de vista pessoal tive vantagens. Recebo uma maquia boa, ainda hoje, conheço gente, não me andam a chatear com burrices, também porque sabem que eu entendo que não posso fazer certas coisas. Mas quem não entende? Às vezes penso se adquiri algum conhecimento especial em relação os outros e duvido... Tu, por exemplo, também sabes muito bem que não podes fazer certas coisas, que és vigiado, de forma discreta, como todos nós, mas és vigiado, também sabes isso. Afinal que aprendi eu de especial? Nada, provavelmente.

- Sabes que penso isso de mim mesmo? Que aprendi eu de especial? Como tu, embora menos e de forma diferente, também viajei, andei pelo planeta e muitas vezes faço essas mesmas perguntas. Que aprendi eu a mais, em relação aos outros, aos que não viajaram?

- Talvez tenhamos aprendido algo, Gustavo. Aprendemos que o planeta está cheio de gente muito parecida, por toda a parte. Aprendemos que as sociedades são também muito parecidas, por estranho que te possa parecer há quem não tenha nunca entendido isso, quem pense que os habitantes ali do lado são comedores de relva, de crianças, que não têm medo, não choram, não têm tristezas, não amam, não morrem, não sofrem. E afinal eles são isso tudo, sofrem as mesmas coisas que nós. Foi isso que aprendemos claramente, por uma razão fundamental: porque vimos que é assim.

- Talvez. E já pensei que é importante ver com os nossos olhos, embora seja importante ler, estudar, certos assuntos, os assuntos humanos só se aprendem vendo-os, vivendo-os, não te parece, Emílio?

- Parece-me, Gustavo, chegamos a essa conclusão. Estava a dizer-te que os jornais vão voltar a aparecer. De forma diferente do que foram em tempos, serão uma espécie de televisão escrita, cumprirão uma tarefa importante que muitas vezes a televisão não pode cumprir.

- Que tarefa, Emílio?

- Ora, Gustavo, os jornais renovados irão permitir stupidificar como dizia Dayna, de forma muito mais subtil. Aquilo de que ela se apercebia, tantas vezes lho ouvi dizer, não será mais possível com os jornais novos: as pessoas serão stupidificadas sem terem a menor percepção disso! Ideia interessante, não achas?

- Acho mais uma ideia. Mas nem sei se é necessária. Penso que as

peças até já concordam com a necessidade da estupidificação. Aliás era o que Dayna queria dizer, quando rematava sempre com aquela sua expressão “é a vida”, lembra-te?

- Lembro-me, lembro-me muito bem, Gustavo. Talvez tenhas razão. As pessoas já concordam com a necessidade de se estupidificarem. A vida é insuportável, sem uma certa dose de estupidez! Já que mo disseste, vou mencionar isso, da próxima vez que estiver com o meu chefe. Ele também pensa assim, acho eu.

- Sabes, Emílio, eu acho que chegamos a um ponto de interrogação curioso. As pessoas estão dispostas a acreditar em tudo e ao mesmo tempo não acreditam em nada! É aquela questão do “já não sei o que pense”, de que falávamos há pouco, só que se pensares bem, aplicada a todas as coisas. Há um sentimento de que as coisas são assim porque têm que ser, dá a impressão de que nada podia ser diferente do que é.

- Tens razão, Gustavo, e se calhar é assim! Nada podia ser diferente do que é e a prova é que tudo é como é, na realidade, ou não?

- Não sei, Emílio. Estamos a ter uma conversa muito estranha. Mas pensa bem: nada é diferente do que é? Nós sabemos isso de certeza? As coisas são como são, ou apenas nos parecerão serem de certa forma? Se tudo é como é e não pode ser de outra forma, há a necessidade de estupidificar as pessoas? Se há, é porque não será assim, não achas?

- Não sei, Gustavo. Realmente estamos a ter uma conversa estranha. Nem sei bem se é estranha. Parece-me é que se trata de uma conversa sobre assuntos erróneos e como sabes não se pode pensar neles.

Foi assim, desta maneira tão natural como todas as coisas costumavam ser no seu mundo que era a sua cidade, que Gustavo se tornou leitor do “Gazeta Nova”. Lia, relia, voltava a ler. Habitou-se a ler. Lia novidades que já conhecia. Acontecia de tudo ali, mas tudo ali era o que igualmente acontecia na televisão. No entanto, não sabia porquê, mas tinha um sabor especial ler o Gazeta. Depois de comer algo, ao almoço, tomava uma bola, bebida que nunca soube o que era, bebia também a Gazeta do dia. Alguns assuntos eram repetições de novidades que ouvira na noite anterior. Outros assuntos eram mesmo novos. Crimes, por exemplo. Falava-se mais deles, muito mais, do que na televisão. A Gazeta tinha uma desvantagem: tinha um preço. Logo se lembrava que isso é o valor de troca expresso em moeda, quer dizer, ler a Gazeta era equivalente a escovar e pintar um pedaço de parede de Bien-Li. Desse, porque já quase mais ninguém se dava sequer ao

trabalho de mandar reparar as paredes. As aulas que regia quase nada rendiam, mas isso era um costume antigo, sempre existira um ditado popular que dizia “Baratas são as baratas e os professores.” Em castelhano, com a palavra “cucaracha”, a piada do trocadilho perdia-se bastante, mas nem tudo tem que ter piada. Por vezes era até complicado encontrar um exemplar da Gazeta. Nessas alturas, valia-lhe a solícitude de Pneumático. A sua característica ventosidade irritava imensa gente. Mas não era má pessoa, pelo contrário. Nunca tivera mulher, Pneumático. Chamava-se Jaime, mas não lhe chamavam assim. Os gases que frequentemente deixava escapar tinham-lhe valido o baptismo que ostentava sem se incomodar. Era alto, tinha barriga saliente, calvo, gostava de comer. Pneumático era daquelas pessoas que são sempre felizes. Gustavo lembrava-se que Dayna dizia dele que “é feliz porque nasceu”, querendo com isso ser realista, o que nela era uma obsessão, mas também mostrar como Pneumático era pouco inteligente. Espécie de amigo fiel, estava numa estranha fronteira entre a amizade e o mero conhecimento. Gustavo referia-se aos seus conhecidos como amigos, embora se recordasse de que Dayna dizia sempre ser necessário distinguir amigos de conhecidos. Ela dizia muitas mais coisas, pensava ele. É necessário distinguir “bom feitio” de “boa educação”, de “bons modos”, de “ser boa pessoa”. Ensinara-lhe muitas coisas, Dayna. Tinha razão nessas suas distinções. De facto são tudo categorias diferentes. Pneumático era uma boa pessoa, no entender de Gustavo. Talvez porque fosse pouco inteligente. Seria que as boas pessoas eram todas pouco inteligentes? Talvez, pensou Gustavo. Os homens poderosos são boas pessoas? Lembrara-se de uma conversa que tivera com Dayna a este propósito. Continuava a pensar que os homens que são poderosos, se o são é porque não são boas pessoas. Mas Pneumático, que não trabalhava, a não ser quando o ajudava, ele e Garrafão, tinha tempo para tudo. Inclusivamente para lhe arranjar a Gazeta. Não sabia porquê, mas a tiragem da Gazeta era escassa. Por vezes não havia jornais que chegassem para todos os compradores. Isso era bizarro, porque nada do que se dizia lá era segredo, ou não seria bem assim? Ele, Pneumático e Garrafão, sentavam-se à beira mar e liam a Gazeta, depois do almoço. Faziam isso imensas vezes. Também não havia muito mais que fazer. Ou antes, havia, mas era um segredo só de Gustavo. Enquanto liam a Gazeta, ele e os outros, dava-se uma transformação imperceptível no seu cérebro. O que lia fundia-se com quem escrevera, a história que estava a ler fundia-se também na sua cabeça. Via as coisas que lia, numa espécie de filme. Ele, o

autor da história (e eram histórias curtas) e a própria história existiam numa fusão. A propósito de tudo e de nada, o mesmo pensamento lhe vinha à mente. Ir embora! Depois da morte de Dayna, sem se aperceber, aquilo que mais desejava era recomeçar, ou começar, não interessava, longe dali, num local onde não o conhecessem. Pensava tanto nisso que só estava bem quando pensava nisso. Tinha chegado a um ponto difícil: queria fugir! Mas isso não era fácil, não era simples, não era permitido. Era o seu maior desejo. Seria uma loucura? Uma Utopia não era, pensava ele. Conseguiria realizar essa vontade, adiantava a si mesmo. Entretanto, lia pachorrentamente. O tempo foi passando e Gustavo, Garrafão e Pneumático foram sendo conhecidos como os tipos da Gazeta. Para todos os locais onde fossem levavam um exemplar da Gazeta. Passeavam-se à beira mar, demoravam-se a ler. Gustavo ia sonhando com o dia em que conseguisse sair dali. Era preciso sair, começar de novo, argumentava consigo mesmo e concordava. A pessoa que lhe parecia mais inteligente, no meio dos dois milhões de habitantes da cidade, aquela com quem gostava mais de falar, era Emílio. E no entanto Emílio não se considerava muito inteligente. Tal como Dayna, que de si mesma dizia sempre “sou uma pessoa normalíssima”, Emílio dizia o mesmo. Gustavo, a um e outro recordara várias vezes a dificuldade desse conceito. E a sua provável inutilidade. Quantas vezes dissera a Dayna que a amava, respondendo ela que era uma pessoa normalíssima! Ele sussurrava-lhe “ainda bem”; para mim não és, mas acho até bom se fores horrível para os outros, ou então normal, banal. Para mim és quem eu amo e o “para mim” é tudo. Emílio era tudo menos normalíssimo. Tivera uma vida cheia de zonas de sombra, que não revelava a ser algum. Morreria com algumas das coisas que soubera. Fosse por medo, por comodismo, por uma combinação de ambos, não revelaria muito do que sabia. Naquela tarde Emílio olhou Gustavo de frente e disse:

- Vou descrever-te a personalidade do Garrafão.
- Tens essa mania, Emílio, de descrever a personalidade dos outros.
- Tenho. Ele chama-se Garamondo, sabias? Nome que enche a boca quando se pronuncia. É um alcoólico marimbante na vida desde muito novo. Há quem situe o seu começo no vinho aos treze anos, pode ter sido mais cedo, não se sabe. Garamondo não quer sequer estudar, no fundo acha que o esforço custa e não vale a pena. Não quer viver, mas não tem vontade (será medo?) de se matar. Acha que está consciente da inutilidade da maioria das nossas acções, ri-se dos esforços alheios. Sabe que tudo isso não lhe

interessa. Às vezes interroga os outros, sobre as verdades da vida e os mistérios da morte. Nunca trabalhou, no sentido comum do termo. Deixará respeito, inveja, sentimentos de medo, gente que o amou. Não é exemplo para a juventude, familiares, amigos, conhecidos, mas todos os que o conhecem reconhecem (mesmo em segredo) que a sua conduta os inquieta. É isso o que penso de Garrafão, Gustavo. Não é muito mais, mas já é bastante. Olha, por incrível que possa parecer, dele pode dizer-se que “não é uma pessoa normalíssima”. No entanto, da sua passagem pelo planeta nada ficará.

- Sim, acredito, Emílio. Acho até sagaz essa tua descrição de Garrafão. Mas, já agora, se vês assim a vida, que achas que ficará de nós, depois de termos passado pelo planeta?

- Não me irrites, Gustavo! Estou a falar contigo seriamente, não estou aqui com brincadeiras, nem quero fazer caricaturas dos outros. São pensamentos meus, apenas, alguns resultam de reflexões com bastante tempo, não inventei estes discursos sem mais nem menos, de repente!

- Sim, Emílio, mas o que perguntei não foi para te irritar! Não penso que devamos colocar a vida dos outros numa balança tão complicada! Que ficará de nós, mais do que aquilo que ficará de Garrafão?

- Eu tenho uma filha, por exemplo, respondeu Emílio.

- Quer dizer que tu, Emílio, ficarás por cá porque ficará por cá a tua filha, para além da tua morte? Não achas que isso não tem nada de especial?

- Olha, Gustavo, posso responder-te. Na realidade a nossa existência não tem sentido porque temos filhos e deixa de ter se os não temos. Mas não podemos falar sobre esses assuntos. Como sabes são pensamentos erróneos. Acabo sempre por falar contigo desse tipo de tema. É tempo de tomarmos cuidado e deixarmos isso.

- Sim, Emílio, mas gosto de falar contigo. Acredita que gosto! É importante falar com alguém que nos entenda.

- Hoje está um dia excelente, Gustavo. Nem está calor nem frio. O Sol está mais manso que o costume. Devias fazer o que te sugiro: vai à praia! Há quanto tempo não fazes isso? Gustavo ficou pensativo. Não se lembrava.

- Tens razão, Emílio. Vou à praia!

A praia estava magnífica, naquela tarde. Tão magnífico o mar, a sua temperatura, a cor, o sal, que pela primeira vez em muito tempo, Gustavo esqueceu-se de que pretendia fugir dali, esse era o seu segredo secreto. Mergulhou nas ondas. Estava só. Ou talvez

não. Sentia-a, ali, próximo dele. Como se nunca a tivesse perdido. Era ela. Ela com “E” grande, Dayna. Nunca encontrara personagem tão complexa como ela, que ainda por cima se dizia simples, talvez para parecer ainda mais complicada de discernir. Dayna fazia-o pensar na solidão. Ela estudara música, muito tempo, fora professora de piano. Mas estudara também outras coisas, naquele tempo era assim. Coisas que Gustavo nunca entendera. Fazia análises a conceitos, ideias. Intitulava-se investigadora, por vezes. Tomado por uma espécie de hipnose, sentiu a mão dela que o puxava para mais fundo, mar dentro. Não se lembrava de respirar, não precisava de o fazer. Ela sorriu e disse-lhe:

- Sei que estás triste. Mas não estejas. Não vale a pena, nada te adianta. Sentes solidão. Já se disse tudo o que havia para dizer sobre o assunto?

Mesmo assim falta dizer que a solidão é inerente à existência. Somos um ser inevitavelmente solitário. Não somos um ser solidário, talvez por isso sejamos apanhados pela solidão. Aliás, como em tudo, somos uma contradição geral. Gostamos do nosso espaço, mas temos dores enormes por estarmos sós.

A isso chamamos solidão. Há curas para a solidão. Bebidas, comprimidos, companhias de circunstância, gente que sabemos não nos querer nada de bom.

Temos medo da solidão porque ela nos lembra a morte. Pior ainda: a solidão lembra-nos o sofrimento que nos acompanha, quase sempre, no longo corredor, até à morte. A solidão aterroriza porque nos lembra a velhice. Também sabemos como o tempo se precipita. A solidão é um estado duplo: já a sentimos e tememo-la, porque trememos quando pensamos que nos atacará. Situa-se no passado e no futuro, é um diluído envolvente. É triste e feroz. A tristeza, na sua forma geral, leva-nos a um estado de resignação; a solidão transporta-nos ao pavor da sua inevitabilidade.

- Que conversa essa Dayna! Nem de ti esperaria tal coisa! Leste isso, ou disseste-o da tua cabeça?

- Nem uma coisa nem outra. Nada é apenas “da nossa cabeça”, nem deixa de o ser. Porque repara: quando sabemos um teorema, por exemplo, ele também nos pertence, quer dizer, ele também faz parte da nossa cabeça, como tu dizes; não é necessário criar tudo aquilo que temos no nosso pensamento. Se fosse, seríamos todos ainda muito mais incultos, já percebeste?

Continuaram a nadar. A areia era branca, muito branca, linda, o mar era verde. Que mal fizera ele, tantas vezes pudera ter vindo nadar até aqui, à praia e não o fizera! No fundo, como sempre,

Emílio dera-lhe uma excelente sugestão! A vinda à praia, aquele encontro que estava a ter agora com Dayna, eram melhores ainda que a concretização da sua ideia secreta, a fuga.

- Porque ficaste tanto tempo comigo? Eu não sou muito culto, nem inteligente, não tenho nada de especial...

- Nem eu, Gustavo! Tu é que não viste que tudo em mim era normalíssimo. Seria capaz de ficar contigo ou com outro qualquer ou... com ninguém! Fiquei contigo porque tinhas um certo desprendimento, uma humildade que provinha da tua baixa auto-estima, depois, depois eras bom tipo, sabes, talvez eu nunca to tenha dito, mas era isso: eras bom tipo.

- Ficarias com um bom tipo? Apenas isso?

- Talvez. Já te respondi: até nem precisava de ficar acompanhada. Não acabei de te explicar tudo isso quando falei da solidão? A solidão está dentro de nós, ou não está. Depende. Há quem viva bem consigo mesmo, só. Há quem se entretenha a girar pela casa, quem não precise de mais ser algum. Também há quem substitua os seres humanos por animais. Talvez seja até uma boa opção. Os animais agradecem à mão que os alimenta, mesmo que essa mão também lhes feche as portas da jaula, mesmo que seja a mão que os mantém cativos, os animais não a mordem; as pessoas são diferentes, são capazes de morder a mão que as alimenta. Por isso pode ser uma boa opção, como te dizia, substituir a companhia humana pela de animais. Nunca me considere superior a ti. Pelo contrário: era mais limitada. Mas tu, ao seres mais abrangente, eras também menos objectivo.

Gustavo queria continuar ali a ouvi-la, sentindo-a junto a si, nadando naquela água, próximo a corais, numa paz imensa, um prazer total pela sensação de preenchimento que tinha. Algo se remexia na sua consciência, não sabia o que era, mas algo o estava a enervar, incomodando-o.

- Gustavo! Gustavo! Ouvia gritos, não os entendia claramente.

- Gustavo! De repente abriu os olhos. Uma face conhecida inclinava-se para ele, quase o tocava. Homem, dei-te aquilo para te fazer passar um bom bocado, tomaste demais? Que te aconteceu?

- Nada, mas que foi? Que aconteceu pergunto eu!

A face conhecida continuava ali. Puxou-o pelo braço. Doeu-lhe, não estava à espera disto, logo agora que estivera tão bem! O Sol batia com força, não estava tão suave como há momentos, quando estivera ali mesmo, a nadar com Dayna. O mar era belo, mas também não era tão deslumbrante como lhe parecera, ainda momentos antes. A areia queimava. Mesmo ela não era tão macia como ele se lembrava que fora. Que acontecia? Não entendia!

- Levanta-te, Gustavo, temos muito que fazer! Tens que me ajudar. Já é tempo de aprenderes a fazer pela vida.

- Estou tonto, não vês? E tenho motivos para isso! Estava aqui tão bem! Não me deixaste ficar porquê? És sádico?

- Deixa-te de choraminguices, homem! Aguenta-te como um homem!

- Essa frase irrita-me! Deixa-te dessa conversa! Sem saber a razão, sentia-se estranho, incomodado. Com algum tempo, sentou-se, olhou melhor a cara familiar. Começou a entender o motivo que o fazia sentir mal. Não era quem ele pensava. Não esperaria nunca que aquela face ali estivesse, olhando-o de perto, interrogando-o, tratando-o de forma amigável mas como se trata um inferior. No entanto era o que lhe estava a acontecer!

- Que fazes aqui? Que fazes aqui, tu? Não entendo isto, estás aqui tu, porquê?

- Porque eu sou eu, ora essa! Fazes perguntas ridículas, homem! Perguntas porque estou eu aqui? Certamente haverá um motivo, não te parece? Ou serão vários, os motivos, que pensas? De qualquer forma, se estou eu aqui é porque assim tem que ser. Despacha-te, precisamos de ti! Pega nas tuas roupas, veste-te! Tenho de te levar, temos pressa. Vais ajudar-nos, justificarás a tua existência, talvez até consigas a nossa indulgência, o nosso perdão para as palermices que te fartas de fazer!

Gustavo olhou de novo. A face que lhe respondia ao olhar não era a que esperava.

- Onde está Emílio?

- Morreu, respondeu-lhe o tipo.

Gustavo ficou estranho. Sentiu medo. Arrepios percorreram-lhe as costas, suores frios apareceram-lhe nas palmas das mãos. Olhou aquele homem que julgava conhecer e sentiu-se inseguro. Afinal não sabia nada do que se passava em local nenhum. Não sabia quem era quem, o que cada um fazia, não sabia porque estava ali aquele fulano que Emílio lhe caracterizara algumas vezes, sempre demoradamente. Mas pelos vistos, seria isso? Pelos vistos Emílio enganara-se, e enganara-o a ele, Gustavo. Tantas vezes Emílio lhe falara do tipo, descrevera-o basicamente como um indolente, um incapaz, um desgraçado, um tipo desprovido de capacidades intelectuais ou manuais.

- Nem uma parede é capaz de consertar, dissera-lhe Emílio. Tu és infinitamente superior a ele! Mas não tem problemas, o tipo. O pai deixou-lhe muito dinheiro, será sempre possível levar a vida que leva sem se incomodar muito. Isso enquanto tu terás que consertar paredes e dar as tuas aulas, para ires sobrevivendo. E não és dos

que estão pior, acredita! Ele vive entre a casa e o Cubículo, bebe bolas às dezenas e come. É a vida que tem. Gustavo sabia disso, lembrava-se das descrições que Emílio fizera do tipo que não parava de o mirar, inspecionava-o, enquanto ele se vestia. E dava-lhe ordens, ordens e mais ordens, num tom cada vez mais óbvio, como quem de facto fala para um inferior. A sua surpresa não podia ser maior. Ainda há momentos tinha pensado estar no paraíso. A sua existência equilibrara-se de novo, com o regresso de Dayna. Mas agora, num repente, estava tudo na mesma, quer dizer, como desde há bastante tempo e este tipo, o mais improvável de entre todos os que conhecia, não só o tinha acordado do seu mundo maravilhoso, como lhe tinha dito que Emílio morrera, dava-lhe ordens, não estava a brincar, mandava nele, questionava-o.

- Diz-me, que se passa?

- Cala-te e anda. Não tenho paciência para te aturar nem essa obrigação.

- Mas... Gustavo foi interrompido. O outro fartara-se. Deu-lhe um pontapé violentíssimo nas costelas. Rebolou de dor. Teve vontade de chorar. Nada fez. Começava a sentir medo físico deste tipo. E isso nunca pensara ter!

- Deixa-me! Larga-me! Eu sigo-te, faço o que me mandares. Vou para onde quiseres, mas não precisas de me tratar mal, tu sabes isso!

O outro olhou-o. Pareceu ficar confuso. A sua expressão suavizou-se.

- Desculpa-me, Gustavo! Sinceramente, desculpa-me! Eu sei que fui estúpido. Não preciso de te agredir. Sei disso. Estou muito nervoso, hoje. Aconteceram coisas estranhas. Tu podes ajudar. É apenas isso: precisamos que nos ajudes!

4-Banana

Era gordo e baixote. Aloirado, pele clara, ar arrogante, Banana estudara. Gustavo conhecera-o por intermédio de Emílio, precisamente no Cubículo, havia já tantos anos... Banana vivia próximo dali, fazia do Cubículo uma espécie de escritório. Estudou mas não em demasia. Não gostava de trabalhar. O pai deixara-lhe ficar uma enorme fortuna, era o que se dizia, não se sabia de que vivia Banana, nem ele nem a mãe. Sabia-se que a mãe mandava nele. Passava o dia entre o Cubículo e casa. Nada mais fazia a não

ser beber umas bolas e conversar. Conversava muito mas dizia pouco. Não falava de nada que tivesse interesse. Ele próprio não sabia se tinha interesse como pessoa. Não se entendia porque falava tanto. O certo é que falava, mas talvez falasse por falar, para se sentir menos só, mais acompanhado, ia tudo dar ao mesmo. Era uma pessoa incapaz de actos heróicos, diferentes da tal normalidade absoluta de que falava Dayna. Porém ela parecia estar enganada, pois era uma pessoa interessantíssima, enquanto Banana, uma pessoa normalíssima, era desinteressantíssimo. Não conversava sobre qualquer tipo de assunto em concreto, o que parecia estar absolutamente de acordo com o tempo e o espaço em que vivia. Na verdade cada vez mais gente conversava sem ser a respeito de coisa alguma, embora conversasse. Os espaços como o Cubículo estavam bastante cheios, cheios de gente que conversava de nada. Foi Emílio quem apresentou Banana a Gustavo. Gustavo ficou algo impressionado com Banana, desde o primeiro encontro.

- Só diz banalidades, exclamara Emílio.

- Deviam mudar-lhe o nome para Banalidade, em vez de Banana, então!

- Não vale a pena: o Banana nem merece uma alteração no nome que lhe deram, já há muito. De facto era curioso assistir a uma conversa de Banana. Falava sobre doenças, referia um amigo que morrera recentemente, descrevia o evoluir da doença, tudo sem uma ponta de emoção, igualmente sem ponta de conhecimento. Isso porque Banana não tinha conhecimentos de Medicina, nem que quisesse poderia fazer tal descrição, embora ficasse no ar a ideia de que Banana não queria descrever coisa alguma. Era também possível ouvir Banana dissertar sobre pessoas que passavam fome como quem refere que tinha começado a chover. As coisas todas eram assim, desprovidas de interesse, interessavam apenas para falar sobre elas, sempre de forma superficial, sem a menor intenção nem capacidade para as analisar. Mencionava também os amigos que tivera e tinham ido para outros locais. Não havia ponta de saudade, não sentia falta deles. Falava neles por falar. Falar dos outros era seguir uma tradição.

- Não é dos piores!

- Não, Emílio? Não. Este, por vezes, raramente, de resto, cai na maledicência; a maior parte deles é capaz de outra coisa: a “malefazência”.

- Hum, entendi. Era assim a vida de Banana. Cumprimentava sempre Gustavo, quando o via, embora como em tudo o que fazia ou aquilo que se pudesse imaginar que ele faria, sem entusiasmo. Gustavo respondia aos cumprimentos e, normalmente, ficavam por

ali. Emílio descreveu-lhe a personalidade de Banana, várias vezes. Não seria preciso tanto, bastaria uma vez para que Gustavo tivesse compreendido.

- É um fraco! Incapaz total! Emílio referia-se sempre assim a Banana, quando falava dele. Gustavo não o via por longos períodos, apenas porque não costumava frequentar o Cubículo, o tal “escritório” onde Banana se encontrava quase sempre. Dizia-se que nos últimos tempos Banana casara com uma filha de Bien-Li. Fora algo que apanhara toda a gente de surpresa, começando pelo próprio Bien-Li e passando por Hu. Dizia-se até que Hu fora severamente castigado por não se ter apercebido atempadamente das intenções de Banana. Mas a filha dele, estranhamente ou não, casara com Banana. Também houve quem dissesse que agora, com a fortuna que o pai deixara quase gasta, Banana fizera pela vida, aconselhado pela mãe. Se assim fora ou não, também não se sabia. O que era evidente era o amor com que a filha de Bien-Li tratava o marido. Banana continuou a frequentar o Cubículo, a residir na casa da mãe, embora agora com a esposa, e cumprimentava Gustavo da mesma forma. Também continuou a conversar muito, sem dizer nada. Gustavo achou aquele assunto estranho; havia ali algo que não batia certo, mas não perdeu tempo a pensar nisso. Agora estava a começar a entender! Banana tinha muito mais energia do que parecia; tinha força, uma força física insuspeita. Tinha também determinação, uma voz forte e cortante, voz essa que nunca deixava passar da boca, quando falava dias e anos seguidos, no Cubículo. Aí mantinha uma voz baixa, aparentando falta de força, um discurso adormecedor, não só pela falta de assunto mas também pelo tom de voz, fraco e monótono. Agora dirigia-se a Gustavo com uma voz que parecia provir das profundezas do ser. Um autêntico rugido deixava Gustavo atarantado. Não era bem uma voz, era mais um rugido, um conjunto de berros animais que faziam tremer quem o ouvia.

- Para começar, Gustavo, quero dizer-te que Emílio não morreu. Disse-te aquilo para te acordar mais depressa. Mas pode morrer, vamos ver! Tal como tu! Depende da forma como se portarem. Dito isto, pegou num braço de Gustavo e arrastou-o.

- Temos um carro à espera, vem! Andaram com velocidade inaudita, treparam rapidamente em direcção à Avenida Marginal, entraram num veículo horrível, com cheiro a podre.

- Vamos! O condutor arrancou. Andaram muito tempo, Gustavo já tinha entendido onde iam. Estava calor e o ar era abafado. O tipo é um falso indolente, pensou Gustavo! Afinal é disto que vive! Quem poderá imaginar uma coisa assim, vendo-o como um pateta no

Cubículo? De repente Gustavo lembrou-se da história do casamento de Banana com a filha de Bien-Li! Não tinha sido obra do acaso, tinham simulado que assim sucedera! Afinal Banana e Bien-Li eram homens poderosos, tinham chegado a um qualquer acordo. Toda a gente se tinha equivocado, ao pensar na conversa toda que lhe tinham impingido sobre Banana, a mãe a esposa, a fúria de Bien-Li, o castigo que Hu sofrera! Caramba! Não se podia confiar em ninguém! Lembrava-se que ele próprio acabara por achar possível que tal casamento se pudesse realizar por amor, ele que estava farto de saber que isso não seria possível! E Emílio, também se teria enganado, mais uma vez, a respeito de Banana? Mas isso agora pouco interessava; interessava antes que Banana não era quem parecia ser. O veículo começou a subir uma rua que Gustavo bem conhecia. A rua era enorme, foram andando cada vez mais devagar, aproximavam-se do destino. Banana olhava em redor.

- Vamos, mais rápido!

O condutor acelerou. Nem uma palavra dirigia a Banana. Gustavo gelou quando viu que o condutor, aquele condutor era um tipo que conhecia de vista havia imenso tempo, do Cubículo. Nunca tinha falado com ele, nunca lhe ligara importância, nem o condutor a ele, aparentemente, mas conheciam-se havia imenso tempo, do mesmo local onde se bebiam umas bolas.

Também se lembrava que nunca tinha visto Banana falar com o condutor. Seria por acaso? Talvez. Podia ser que até se falassem em público e que Gustavo nunca tivesse visto. Não sabia. Mas tinha a estranha sensação que não, eles não falavam um com o outro quando se encontravam os dois, no Cubículo. Haveria mais gente assim, pensou Gustavo. Possivelmente havia, mais gente, bastante mais gente, gente que se ocupava em descobrir o que os outros andavam a fazer e tentavam até saber o que eles andariam a pensar. Emílio já lhe tinha dito uma vez! Era preciso ter cuidado, embora não parecesse. Ele dissera-lhe, “eles querem saber o que fazemos e pensamos”, mais ou menos isto, lembrava-se Gustavo. O mais interessante era que não pareciam usar métodos sofisticados. Ou usariam? Gustavo tinha sonhado com Dayna, lembrava-se agora; não podia tirar conclusões precipitadas! Quem lhe dera uma pastilha de Trazamal? Teria sido Emílio? Já não se lembrava! Agora parecia-lhe que fora Banana, quem lhe oferecera a pastilha! Mas isso era absurdo, como fora ele confiar em Banana? O facto é que algo lhe tinham dado e não era Trazamal! Ele conhecia perfeitamente os efeitos desse medicamento. Era basicamente um “esquecedor”, até havia quem brincasse e lhe chamasse “esquece

dor”. O que lhe tinham dado era muito diferente. Ele tinha estado com Dayna, uma Dayna completa, absolutamente recuperada na sua memória, a Dayna que ele amara tantos anos, que ele conhecia tão bem! Era ela, porque era ele quem a tinha recriado, com aquela droga! O mais intrigante era pensar que existia uma droga que fazia recuperar memórias de maneira selectiva, memórias boas, neste caso. Possivelmente, “eles” tinham outras drogas, bastava imaginar que tivessem algo em sentido contrário, algo que fizesse recuperar as memórias “más”! Devia ser terrível, passar por uma experiência dessas. Banana olhava-o, de vez em quando. Tinha um ar estranho. Quando parara de lhe bater, na praia, parecera humano, caloroso até, se é que tal coisa se podia pensar de quem nos dá pontapés nas costelas! Agora voltava a parecer-lhe estranho, metia-lhe novamente medo. Reparou que os óculos esverdeados que Banana sempre usara, que lhe tinham sempre parecido banais, como o próprio proprietário, pareciam agora ameaçadores, esquisitos, horrendos. E no entanto eram os mesmos óculos que Gustavo conhecia, na cara de Banana, havia imenso tempo. E nem eram especialmente escuros, deixavam ver uns olhos aparentemente bovinos, parados mais do que tranquilos, desprovidos de intensidade, de expressão. Mas também não revelavam bondade. Apenas revelavam que olhavam, nada mais. Olhavam Gustavo, da mesma forma como o tinham olhado durante anos, a situação era diferente, totalmente diferente; só ele e Banana eram os mesmos.

- Não te vamos fazer mal, Gustavo, não te preocupes! As palavras de Banana, em vez de o acalmarem provocavam-lhe pavor. Não queria que ele se lhe dirigisse, passara a temê-lo, desde os pontapés da praia. Responde, continuou Banana.

- Está bem, acredito em ti. Se dizes que não me vão fazer mal acredito. Eu nunca agi mal, podes acreditar em mim!

- Não sei, Gustavo, isso não sei! É o que veremos. Se de facto nada fizeste, nada tens que temer. E nisso também podes acreditar. Mas temos de verificar umas coisas e são um bocado complicadas. Que andaste a fazer com o Emílio na antiga sede da Gazeta? Estás a ver, é apenas uma pequena dúvida que temos, para começar, mas temos muitas outras. Pensas fazer algo digamos, algo estranho, agora que Dayna morreu? Também não sabemos isso, mas vamos saber, percebeste? E que andas a conversar com Emílio? Estás a ver, são perguntas assim que te vamos fazer.

Chegaram ao edifício onde Gustavo sabia que em tempos fora a redacção da Gazeta. Entraram. As coisas estavam diferentes, pareciam ter sido arrumadas. Não havia pó, nem montes de lixo,

nem velhos jornais pelo chão. Em vez disso existiam agora prateleiras, muitas prateleiras. Indivíduos com ar atarefado examinavam pedaços de jornal. Outros trabalhavam com computadores. Não prestaram especial atenção quando Banana, o condutor e Gustavo entraram.

- Vamos para a sala do andar de cima.

- Sim, chefe, respondeu o condutor. Fizeram sinal e Gustavo subiu uma escadaria, que subira muitas vezes antes. Parecia que tinha sido há muito tempo e tinha sido há pouco, mas era assim. Bateram a uma porta e aguardaram. Uma luz acendeu-se; era uma luz vermelha.

- Temos que esperar, disse Banana. Podemos sentar-nos. Nunca se sabe se esperamos muito ou pouco. Relaxa, Gustavo! Está calmo, homem! Queres beber algo? Eu vou beber uma bola. Também queres?

- Sim, pode ser. Deixara de lhe chamar Banana. Nunca soubera o seu verdadeiro nome, só agora, depois do que acontecera, se dera conta disso! Pensava que ele não se importava que lhe chamassem Banana, mas isso era antes, agora não sabia nada; era mais prudente não lhe chamar coisa nenhuma. Um tratamento impessoal e uma permanente manifestação de docilidade era uma postura inteligente, numa situação como a que vivia neste momento. Dayna dissera-lho, algumas vezes. Lembrava-se disso.

- Temos de ser dóceis. Esperam isso de todos nós.

As bolas chegaram e Gustavo reparou que Banana engoliu a dele com uma velocidade espantosa. O condutor não foi servido. Gustavo pegou na sua bebida e sorveu lentamente. Curioso! Era saborosa, nunca bebera uma bola como aquela! Os tipos tratavam-se bem! Mas também era natural que se tratassem bem, pensou Gustavo. Só faltava esperar que quem tinha poder e portanto tinha dinheiro, se tratasse mal. Passava a vida a pensar que chegava a conclusões absurdas, porque eram conclusões óbvias! Depois de matutar, reflectir sobre os assuntos, chegava sempre à conclusão de que o que se passava passava-se assim porque era natural que assim fosse. Ora isto era uma estupidez! Pensar que as coisas que sucedem sucedem porque têm mesmo de suceder não acrescenta nada a coisa nenhuma. É como dizer “a=a”. Ele não sabia mas é verdade. Dizer isso é certo, mas dizer “a=a” é uma tautologia, uma verdade que nada acrescenta, uma perfeita evidência. Era um dos segredos daquele mundo, pensou repentinamente Gustavo. Fazer com que tudo o que acontecia acontecesse de forma a que se pensasse que não poderia ser de outra forma. E poderia? Claro que sim, pensou Gustavo! Aquilo que acontece não é fatal, não tem

que ser assim. Mas pensar isto era ter “pensamentos erróneos”, diziam constantemente às pessoas que os não tivessem. Também isso dava que pensar. Se as coisas eram tão evidentes, haveria necessidade de condenar quem pensasse em alternativas? Enquanto foi esperando acompanhado pelo condutor e por Banana, foi pensando na vida, nesta vida que tinha, que todos tinham. Pensando bem, havia muitas coisas curiosas, sem resposta! O condutor, como ele lhe estava a chamar em pensamento, nunca tinha ouvido o seu nome! O homem não teria nome? No entanto Banana, que também parecia não ter nome, também não o tratava por nome algum e ele aceitava essa situação, como se, tal como em muitas outras situações isso fosse assim e não pudesse ser de outra forma. E poderia, por certo! O ar do mar entrava por uma janela. Gustavo deu consigo a imaginar o mar; havia algo no mar, algo mais que ser salgado, algo mais que ser azul, ou cinzento, ou verde. Algo mais que estar situado para além da terra, algo mais importante que fornecer peixe, ser a estrada dos navios, o local onde se nadava nas praias. Mas Gustavo não se lembrava o que havia no mar, de especial, tão especial que se lembrava dele aqui, agora, que estava preso. Não sentia medo. Já sentira. Parecia-lhe agora que tanto Banana como o condutor não lhe prestavam muita atenção, talvez achassem o mesmo que ele: era alguém sem importância, não entendia porque o tinham preso. O ar do mar entrava pela janela e Gustavo lembrou-se de nadar no mar, nadar nadar, emigrar assim, sair dali, fugir a nadar! Parou, meditou.

- Estarei louco? Que pensamentos são estes? Nadar, nadar? Emigrar nadando? Para onde?

De repente algo mudou. Não vira, mas Banana, chamou.

- A luz mudou: temos que estar atentos; passou para amarelo! Que método este, pensou Gustavo. Luz vermelha, amarela, possivelmente verde, para entrar. Seria necessária esta encenação? Mas seria encenação ou algo para ser levado a sério? Deu consigo a imaginar um mundo com mais sentidos múltiplos nas palavras e frases. Afinal aqui tudo parecia ter um sentido único, não havia lugar ao que alguns chamavam humor, podia chamar-se-lhe apenas “brincadeira”. Por isso, dadas estas condições deste mundo concreto, as luzes instaladas na porta que continuava fechada, deviam ser algo sério, para ser levado a sério. Banana não se ria de nada, tal como o condutor. Não esboçaram risos nem sorrisos quando se referiram às luzes que comandavam as entradas de quem esperava à porta. Esperava-se sem protestos, como era conveniente fazer, constantemente. Não era o que lhe dissera Dayna, tantas vezes? A necessidade de sermos dóceis? À sua

maneira, também Banana e o condutor eram dóceis, perante quem neles mandava. Ele tinha sido sempre dócil... ou será que não? Inquietou-se, com esta interrogação que ele próprio formulou. Provavelmente não tinha sido sempre dócil! De facto, não tinha! Tivera aquela ideia de sair dali, isto não estava de acordo com um pensamento correcto, não era uma forma dócil de pensar e agir! Seria por isso que o tinham preso? Mas não dissera esse segredo a pessoa alguma! Como poderiam saber o que pensava? Não acreditava na possibilidade de saberem o que cada um e todos os cidadãos pensavam. Era impossível. Porém, no seu caso, parecia que sabiam que ele tinha tido vontade de emigrar, sair dali.

5-Memória

- A luz passou a verde! Vamos entrar, vamos! Depressa! Banana abriu a porta e entrou, enquanto o condutor puxava Gustavo por um braço, entrando os dois com dificuldade pois quase não cabiam ambos no espaço deixado livre.

- Então, querido amigo? Está tudo bem contigo? Desculpa teres esperado, mas tinha imensas coisas para tratar. Felizmente não eram assuntos como o teu, eram problemas bem mais complicados. De qualquer forma a vida é feita disto, já reparaste, de esperas! Temos que ter paciência. Uma vez tive uma namorada que mo estava sempre a dizer: o amor é esperar, ou saber esperar! Acabei por lhe dar razão, foi uma pessoa muito importante para mim, ensinou-me imensas coisas, como essa, por exemplo. Ensinou-me que o amor é renúncia, muitas vezes, é paciência, a coragem quotidiana, é saber esperar, não esperar por esperar, mas esperar porque se entende que o Outro, aquele que amamos, precisa que esperemos, tem a sua própria vida, as suas necessidades, o seu trabalho. Não podemos pensar apenas em nós; isso é egoísmo. A vida é feita de esperas, mesmo quando elas nos custam, faz parte da nossa curta existência, ainda por cima, estar à espera, muitas vezes, enquanto a própria existência vai passando... Espero que estejas a gostar, Gustavo; hoje sinto-me inspirado. Este discurso não está mal, pois não? Olha, não é sempre que falo assim! Normalmente não me exprimo lá muito bem, mas por vezes até acho que digo umas coisas. Enfim, é o que se pode arranjar! Para ti, amigo, tentaria sempre algo agradável. Jorge, serviste algo ao nosso amigo?

- Jorge? Era esse então o verdadeiro nome de Banana! Tantos anos tinham sido necessários para saber isso, sabia-o agora nestas circunstâncias bizarras!

- Claro, chefe, mandei dar-lhe uma bola.

- Isso chega-te, Gustavo? Não quero que te sintas mal!

- Chega-me... Sentia-se atordoado. Não compreendia nada. Cada vez mais pensava naquela frase que lhe ocorrera, ou que lhe tinham dito “não sei que pense”. Afinal o chefe da Vigilância, o homem que coordenava o controlo da população conhecia-o ele, fazia tanto tempo! Sentia-se desconcertado, exausto, parecia-lhe que tinha sido traído pela sua própria estupidez. Confiara neste tipo e contara-lhe um pensamento erróneo: a sua ideia de fugir dali! O homem ouvira-o. Lembrava-se de ter pensado que ele era a única pessoa a quem poderia contar tal pensamento e logo o fizera, quando possivelmente aquele homem, que agora o mirava dos pés à cabeça devia ser precisamente a última pessoa a quem poderia ter confessado um pensamento erróneo!

Emílio voltou-se para ele, olhou-o. Não voltou a falar imediatamente. Respirou fundo. Não parecia que sentisse raiva, quando o olhava, nem desprezo, apenas curiosidade. E isso não deixava de ser curioso, pois Emílio conhecia-o muitíssimo bem!

- Não sabes a razão de estares aqui? Não mintas, responde! Vou tentar, disse-lhe Gustavo. É por ler a Gazeta? Ou por te ter dito que gostava de emigrar, de sair daqui?

- Um pouco pelas duas coisas, Gustavo. Mas muito mais por teres querido emigrar!

- Não entendo bem nada disso, Emílio! Não prejudiquei ninguém! Que me querem vocês? Matar-me?

- Isso nunca! Se estás aqui, Gustavo, é precisamente porque não matamos ninguém, quer dizer, só em circunstâncias absolutamente tipificadas pela legislação em vigor podemos eliminar alguém; pensamos que não é o teu caso. Vamos sabê-lo, mas não te queremos matar, está descansado.

- Tenho que te interrogar, precisamos de te injectar um medicamento. Concordas?

- É boa essa, Emílio! Estou aqui preso, à tua disposição e ainda me perguntas se concordo com algo que me queres fazer?

- Já te disse que não sabes nada das limitações que temos no uso do poder! Podes recusar, embora, de facto, isso não te beneficie... Está bem, Emílio, posso recusar, digamos, teoricamente, é isso?

- Não. Podes mesmo recusar. Não o deves fazer para teu bem e também porque nos poupas imenso trabalho, mas podes fazê-lo.

- Bem, então sendo assim, observando a bondade, o carinho com

que vocês me tratam, concordo!

- Podes acreditar que tratamos as pessoas com carinho, Gustavo; um dia chegará a nossa vez, queremos que esta escola se mantenha.

- Talvez por isso Ba... quer dizer, Jorge, me deu uns pontapés na praia?

- Já o repreendi; ele confessou que errou. E não exageres! É verdade que ele errou, mas não te causou nenhuma lesão grave, pois não?

- Está bem, olha e concordo com essa história do medicamento.

- Jorge, injecta-o.

Sentiu uma paz subir por ele, descer, tomá-lo de assalto. Viu-se no mar. Era um mar quente, mas havia algo que o perturbava. Corpos flutuavam ao seu lado. Alguns tinham ferimentos, havia também pedaços de madeira, pareciam detritos sem nexos a boiar nas águas daquele mar, desfeando-o. O mar estava calmo. Lembrou-se daquele mar, sabia que o conhecia bem, mas não era dali; tinha a noção de que já tinha nadado naquele mar, mas depois daquele dia, noutros locais. Sentia-se confuso; o futuro vinha visitá-lo ao passado. Havia um cheiro de maresia que ele também achava familiar. Era como se soubesse onde estava sem que isso fosse possível. Uma onda maior apanhou-o desprevenido, engoliu água. Tentava dirigir-se a terra, via terra por perto. Tinha um colete que não o deixava ir ao fundo, mas sentia-se uma rolha, sem forças, empurrada num tanque de águas rápidas. Não dominava a sua trajectória. Tentou nadar mas desistiu. O mar tinha uma corrente muito forte; não conseguia dirigir-se para lado algum. Esperou. Uma embarcação pequena começou a dirigir-se onde estava ele e os destroços. De repente, antes de a embarcação chegar, recordou-se! Viajara no Praia Monte, um petroleiro português, era um navio enorme, rumava aos Estados Unidos da América! Tinha feito essa viagem várias vezes, essa e muitas outras. Lembrava-se perfeitamente que o petroleiro fora atingido por um terrível furacão, sofrera danos imensos. Tinham tentado tudo para salvar o navio, para se salvarem também. Que pequeno era o enorme petroleiro, comparado com o Oceano! Partira como um palito, vertera carga, andara à deriva, tal como ele próprio, sem capacidade para impor uma rota ao Oceano. O petroleiro e ele, incrivelmente, eram semelhantes, na sua pequenez! Nunca pensara nisso, nunca passara por uma experiência daquelas, há assuntos em que só pensamos verdadeiramente quando os vivemos, quando passamos por eles, ou será que são todos os assuntos assim, só pensamos verdadeiramente nos assuntos quando passamos por eles, quando os experienciamos? A embarcação aproximou-se. Era

suficiente, muito menor que o petroleiro que já não se avistava, mas muito melhor; para já era ótima. Chamava-se “Niña del Mar”. Dois homens vieram num pequeno bote, içaram-no e falaram com ele. Sentia-se tonto. Falaram-lhe Espanhol. Castelhana, não é? Levaram-no para o barco. Sentia agora que respondia a perguntas, mas não as dos marinheiros, antes ouvia a voz de Emílio. Depois falava com eles. Disseram-lhe que teve sorte, era o único sobrevivente daquele desastre. Por ali há muitos furacões, mas o navio em que vinha tinha sido vítima de muito azar. “Acontece”, disseram-lhe. “É a vida”, pensou. Estudara uns bons anos, queria ser oficial da marinha mercante e conseguira-o. A embarcação deu meia volta, depois de inspeccionar uma última vez os destroços. Gustavo sabia que nem isso valia a pena, ele próprio tinha verificado que mais nenhum tripulante ficara vivo.

- Vem outro barco apanhar os corpos, disseram-lhe. Sentiu-se triste, miserável, chorou. Tinha amigos entre os tripulantes. E inimigos não tinha, além de que não desejava a morte a ninguém. O barco entrou num porto grande. Um mastro alto tinha no cimo uma bandeira às riscas azuis e brancas, um triângulo vermelho com uma estrela branca, na parte esquerda.

- Bienvenido a Cuba! Foi isso que ouviu. Depois perdeu a consciência. Não sabia quanto tempo esteve assim, a sua existência a partir daquele momento ficou estranha. Nunca soubera disso, porque nunca tivera a oportunidade de o saber. Não conseguia dizer se tinha estado adormecido dias, semanas, meses, décadas, ou horas!

- Viscosa! Lembrou-se dessa palavra e de ter conhecido Dayna. Mas isso não tinha qualquer ligação com a sua experiência anterior, nada tinha a ver com a sua vida em Portugal, os estudos, o navio, o furacão, o naufrágio e o salvamento! Lembrava-se perfeitamente de que não se lembrara de nada disto, durante anos. Mas o conceito de calendário que agora recordava, também não o tivera. Não medira o tempo dividindo-o com muito rigor, durante quase uma vida não pensara em que ano vivia, era curioso como isso fora importante para ele e depois, pura e simplesmente deixara de existir na sua cabeça, nas suas cogitações, nos planos, na existência! Sabia que vivera com Dayna e também sabia que não soubera bem nunca mais onde vivia. Lembrava-se de que tivera sempre a estranha sensação de que falava um idioma que não era o seu, mas também nunca conseguira entender isso com clareza, acabara por se esquecer desse assunto, à medida que cada vez mais pensava escrevia e falava em castelhano. Sentia que fora feliz ali, mas que desejara ir embora, depois da morte de Dayna.

Lembrava-se muito bem de Emílio, Garrafão, Pneumático, Banana e outras personagens, não muitas, que tinha conhecido sem a consciência de que só as tinha conhecido quando adulto.

Uma luz foi entrando nos olhos. Acordou bem disposto. Fora operado duas vezes (lembrava-se disso agora) e a sensação de despertar de uma anestesia geral era muito diferente desta. Das vezes que fora operado, sentira uma ausência (algo como a morte?) mas depois, na sala de recobro, sentira-se mal. Agora não. Tinha um acordar tranquilo. A droga que lhe tinham injectado também não era um anestésico, pensou Gustavo. Seria mais um “lembrador”. Curioso, também se podia decompor esta palavra: “lembra dor”.

- Então, Gustavo, que achaste da experiência? Fomos maus para ti?

- Não, Emílio, não foram. Vocês fizeram-me recordar tantas coisas! O meu próprio nome, que nunca usei aqui, já o tinha esquecido!

- Sim e não vale a pena queres usá-lo. Não é um nome comum aqui. Chega-te Gustavo, ou não?

- Chega, claro. Não preciso de mais nenhum nome. Mas continuo a não entender a razão de estar aqui!

- Hum, é fácil. Já vimos que não és causador de perigos. Tomaste um indutor de esquecimento, algo que provoca uma situação com semelhanças em relação à doença de Alzheimer. Mas sabemos controlar estas coisas, não te provocámos a doença!

- Em que ano estamos, Emílio?

- Não te interessa muito, Gustavo, mas digo-te: chegaste aqui em 2040, pelo calendário antigo, agora estaríamos em 2080, é isso.

Eu explico-te o que se passou. Foi algo que mudou a vida no planeta todo, causou mudanças por toda a parte, incluindo a nível político. Dois dias depois de chegares as mudanças começaram. Foi tudo imprevisto! Uma gigantesca explosão vulcânica ocorreu em Sumbawa, na Indonésia, tal como já tinha sucedido em 1815, do calendário antigo, para tu entenderes. Mas esta explosão foi ainda maior. Se a primeira é considerada equivalente a sessenta mil bombas de Hiroxima, esta não se sabe, pura e simplesmente! Talvez tenha sido equivalente a seiscentas mil bombas de Hiroxima, mas isso são conjecturas. Uma imensidão de quilómetros cúbicos de cinzas, poeiras e outros detritos espalharam-se na atmosfera. Os raios solares deixaram de chegar até à superfície da Terra. A explosão de 1815 causou um arrefecimento perceptível em especial até 1816. Esta explosão causou alterações climáticas durante dez anos. Nessa altura, de

uma forma também súbita, a China invadiu a Rússia. Era algo que se esperava, pois a China ambicionava conquistar territórios russos, pouco povoados, é certo. Os russos não podiam combater com forças convencionais e responderam com armas nucleares! Felizmente os seus dirigentes entenderam que a altura não era a melhor para estas graças! As hostilidades pararam, mas tudo isso se verificou já depois da segunda explosão de Sumbawa. O planeta estava cheio de gente, como sabes. Cerca de quatro mil milhões de pessoas viriam a falecer em resultado destes acontecimentos. A situação permaneceu muito difícil durante muito tempo. Aqui estávamos dominados pelo medo de uma invasão e tínhamos abrigos por causa dos furacões. Sofremos baixas, também para nós tudo se tornou muito mais difícil. Há contudo algo curioso na espécie humana! Um presidente norte-americano, republicano e idoso, de quem não se esperava nada de novo, propôs o fim das nações, como até aí as conhecíamos, instalando-se uma espécie de “Conselho Mundial”. Os países continuam a existir, mas percebemos que era preciso fazer coisas novas. Gustavo estava espantado. Percebia-se.

- Que coisas, Emílio?

- Cooperar, Simplificar, Despoluir. Foi a palavra de ordem adoptada em termos planetários. É isso que nos ocupa, a todos. São essas as nossas questões fundamentais. Tu ficaste muito abalado com tudo o que sucedeu. Durante anos foste internado num hospício. Desenvolvemos um modelo social baseado na livre iniciativa, simplificámos a “Governança”. A Medicina e ciências consideradas fundamentais, todas as ciências ligadas à vida, receberam apoios. Desenvolvemos medicamentos simples e baratos, investimos em despoluentes, cooperamos internacionalmente. Mas a situação continua difícil. Para os padrões do tempo da tua juventude, todos os países são hoje ditaduras. Todos têm polícias secretas, todos têm pobres e ricos, mas, enfim, vamos sobrevivendo. Instaurou-se igualmente um limite (de princípio) para a vida humana: sessenta e cinco anos. Pode parecer-te horrível, mas não é; é apenas pragmatismo. E temos a noção de que temos de nos respeitar.

- E a mim, que aconteceu?

- Tu conhecestes uma jovem louca, nós achámos que não tínhamos de interferir. Eu fui encarregado de te vigiar e verificar como agia um novo medicamento desenvolvido no antigo Canadá. Baseia-se num princípio planetário, um dos três princípios adoptados: Simplicidade. Sabemos há muito que as informações são transportadas para fora do cérebro, com a ajuda de “mensageiros”

químicos, os neurotransmissores. Estes “mensageiros” ajudam a passar as informações vindas do cérebro, em direcção às diferentes partes do organismo. Um deles é a acetilcolina, importante para a capacidade de recordar. Assim, desenvolveu-se um medicamento barato, o Trazamal, que usa uma espécie de “anti-acetilcolina”. Pretende-se causar uma espécie de doença de Alzheimer controlada, nas pessoas que sofreram choques psicológicos muito profundos.

- Mas então eu esqueci tudo, amei Dayna, ela faleceu, nessa altura senti-me desajustado, mas achas que isso justifica o que vocês fizeram?

- E o que fizemos, Gustavo? Fizemos-te assim tanto mal? Não, pensa bem, não fizemos nada disso. Repara que apenas te controlámos. Trouxemos-te aqui, verificámos como estavas.

- E porquê?

- Porquê, Gustavo? Não por tua causa, meu amigo, pelas relações de cooperação que temos de manter com todo o planeta! Já pensaste se por qualquer razão o Trazamal estivesse a deixar de dar efeito? Quantos milhões de indivíduos pensas tu que vivem hoje, em todo o planeta, vidas inteiras, vidas felizes e produtivas, graças aos medicamentos introduzidos depois das catástrofes? Sabes quantos são? Não sabes! E sabes que mais? Nem eu sei! Nem sei se isso está quantificado! Sabe-se apenas que a vida se tornou tão dura que muitos milhões de pessoas vivem apenas porque tomam a sua dose (maior ou menor) de Trazamal! É necessário esquecer, para viver!

- E Cuba, diz-me, ainda existe?

- Como no tempo em que naufragaste nada existe. Há uma Liga Multinacional que todos nos esforçamos por respeitar, que dirige o planeta. Dirige com a concordância de todos. Perdemos a arrogância do tempo em que eras jovem. No fundo a nossa espécie evoluiu, era isso ou o seu fim. Mas não nos incomodamos com isso. Hoje, muitos dos problemas do passado parecem-nos idiotices de crianças. Parece até incrível como foi possível fazer tantas asneiras em nome de princípios irracionais, mas é um facto que isso aconteceu. O planeta está pobre, atenção; não lucrámos nada em termos materiais, lucrámos em termos de acréscimo de juízo!

- Emílio, agora que me falaste em ditaduras, explica-me uma coisa...

- Sim? Sim, porque disseste que hoje tudo são ditaduras em relação ao padrão dos tempos em que eu era jovem?

- Não te esqueças do princípio “Simplicidade” que adoptámos. Não se trata de uma brincadeira! A chamada “Democracia” nunca

funcionou bem. Como conciliar disciplina com liberdade? Esse foi um problema que tivemos que resolver rapidamente, num estado de coisas crítico. Adoptámos a disciplina, em detrimento da liberdade. Se um dia der para mais, logo veremos.

- Vai acabar por não dar!

- Talvez, mas as “Democracias” também estavam minadas de contradições, no tempo em que eras jovem ou não? Havia formas de condicionar o voto das pessoas, desde o voto em partidos políticos ao voto em termos institucionais, por exemplo. Quantas organizações não tinham oficialmente uma “gestão democrática” que depois era facilmente ultrapassada e falseada? E era também verdade que em muitos países, no tempo em que eras jovem, a “Democracia” se limitava à rotação pelo poder de apenas dois partidos, lembra-te?

- É verdade, eu pensei nisso muitas vezes.

- Aí tens.

Em relação aos outros assuntos, verás que temos razão. Fizemos um estudo do ser humano, da sua evolução e pensamos o seguinte: o homem é um predador. Dito isto é utópico pretender fazer sociedades igualitárias! Pode parecer simplista, mas não é! O pobre sonha ser rico, prefere lutar e pensar que um dia enriquecerá a viver numa sociedade dita sem classes (ainda por cima muito difícil, se não impossível de realizar na prática). Atendendo ao princípio da Simplicidade, abandonámos a ideia de tentar algo diferente de uma sociedade com economia de mercado. Claro que estabelecemos alguns limites ao mercado. Por exemplo temos a noção que o planeta está em muito mau estado, outro dos princípios que seguimos, como te disse, é “Despoluir”. Ora, sabemos que não podemos entrar em espirais produtivas até ao infinito, porque os recursos deste pequeno planeta são finitos. Verificámos quando te estudámos que não percebias qualquer alteração tecnológica que te causasse estranheza. Isso também tem uma explicação: não produzimos nada de propriamente novo, a não ser na área da Medicina e dos Despoluentes. Os carros, as casas, os pavimentos de ruas, a iluminação não te devem ter causado nenhuma estranheza, também por isso. Mas servem, não é? Quer dizer, como se diria no tempo em que eras jovem: abandonámos a “Sociedade de Consumo”. Entendeste? Não podíamos continuar por essa via. Esse terá sido talvez um dos maiores erros cometidos no passado, na minha opinião. Pensar que seria possível produzir inutilidades, em número crescente, convencendo as pessoas a constituírem um mercado para consumirem essas inutilidades! Quantos recursos, humanos e

materiais, terão sido esbanjados para produzir objectos que pura e simplesmente não eram necessários? Já pensaste nisso?

- Sinto-me cansado, Emílio. Que vão vocês fazer comigo?

- Nada, Gustavo. Continuarás aqui. Quando chegares aos sessenta e cinco anos (está quase) logo se verá.

- Há outra coisa que te queria perguntar.

- Diz.

- Reparei, depois de tudo o que me contaste que a forma como vocês exercem o poder é curiosa. Quer dizer, existe a televisão, agora até existe um jornal, pelo menos aqui, mas a Polícia, aquilo a que vocês chamam os “Vigilantes” tem métodos antiquados. Diria, métodos possíveis de encontrar numa qualquer ditadura do Século XX do meu calendário, como tu dizes. No entanto vocês têm sucesso; a dominação que exercem é conseguida, quero eu dizer vocês são eficazes!

- Não sou perito em política, sou médico, Gustavo, embora admita que isso te custe a acreditar! Mas penso que te posso explicar também essa faceta da sociedade actual, não é difícil e verás que é profundamente lógica.

Baseamos a continuidade dos nossos objectivos políticos na Cooperação, como já te disse. Isso faz com que não interesse pôr em causa o governo de um local, porque fugir para outro local não tem sentido, é tudo muito parecido! Depois, como te disse, procuramos seguir padrões humanistas, não reprimimos por reprimir, nunca o fazemos. Existe uma declaração planetária sobre isso. Quanto ao papel da televisão e dos jornais, ele é fundamental. Sabemos também há muito tempo que existe o “hard power” e o “soft power”. O ser humano pode ser levado a comportar-se de certa maneira pelo uso da força (e nós usamo-la) mas também pelo condicionamento da mente, que quanto mais constante, mais eficaz é. A isso chamamos “soft power”, poder suave, se quiseres. A televisão estupidifica, o jornal também, mas não faziam isso no tempo em que eras jovem?

- Faziam, faziam e muito!

- Claro, faziam isso e mal! Porque levavam as pessoas a desejar consumir inutilidades, a terem comportamentos errados do ponto de vista ecológico!

- Sim, mas vocês têm programas de sexo entre mãe e filho!

- Temos, mas admitimos que queremos estupidificar! E repara que o grande problema que temos continua a ser a recuperação do planeta em termos ecológicos! De resto não somos moralistas! A moral é perfeccionista, nós apenas queremos o melhor possível, não o ideal! Em relação a essa questão, posso dizer-te que com a

ajuda dos medicamentos e da televisão, conseguimos a maioria dos nossos objectivos. Referi que milhões e milhões de pessoas, em todo o planeta conseguem viver, produzir, amar, enfim ter uma vida decente, com o uso diário de medicamentos que lhes controlam o comportamento e com o visionamento de programas de televisão. No tempo em que eras jovem sabemos que já era isto o que sucedia com inúmeras pessoas, curiosamente na altura, tal como hoje, poucas teriam a consciência desse facto!

- E a questão dos métodos policiais, Emílio?

- Como pudeste verificar, pela tua própria experiência, esses métodos são eficazes. Ora nós decidimos (como te disse) adoptar o princípio da Simplicidade. Sabe-se também há muito tempo que uma polícia demasiadamente sofisticada acaba por se enredar em questões técnicas absurdas; outras vezes ganha demasiada força, torna-se como se dizia quando eras jovem “um Estado dentro do Estado”. Não é nada disto aquilo que pretendemos, à escala do planeta. Uma das diferenças em relação ao estado do planeta que podes notar quando falas das polícias políticas do teu Século XX é que elas eram, muitas vezes, rivais. Hoje cooperam, o que quer dizer que obtêm muito mais resultados com os mesmos meios. A polícia, hoje, tem uma força limitada. De resto, ainda em relação aos métodos, talvez te desiluda mas vou-te dizer um grande segredo! O ser humano há muito que é entendido pela polícia, pelos aparelhos repressivos! O aspecto crucial do comportamento humano quando se dirige à tentativa de perturbação ou alteração da ordem social e política existente, é o medo! Isso mesmo, o medo! Ora, a polícia, os governos, os aparelhos repressivos têm que saber lidar com o medo. Depois há ainda uma velhíssima máxima de sabedoria que vem dos antigos romanos, a história do “pão e circo”. Repara que isso funciona, em termos colectivos, mas também em termos individuais. É assim: torna-se necessário dar às pessoas um mínimo de pão, sem o que nada corre bem, mas nós fazemo-lo, e o que for possível de circo. Nós também tentamos dar esse circo às pessoas. É aí que entra o papel da televisão, que como deves lembrar-te é o circo que consegue englobar todos os circos, vai a casa das pessoas, é cómoda, variada, encantadora. Por último, Gustavo, vou dizer-te uma coisa: também já se sabe há milénios que a maioria das pessoas não está interessada em fazer transformações sociais, mas apenas em viver. Não tenhas ilusões: se a maioria das pessoas quiser derrubar um sistema político, consegue fazê-lo. A missão dos médicos como eu, dos medicamentos que receito, da televisão e do jornal que recomendo, não é uma missão nova. Acho que já existe há muito! Diz-me uma

coisa, Gustavo queres perguntar algo?

- Sim, ocorreu-me agora... Portugal ainda existe?

- Boa pergunta; tenho que ir ver. Penso que não... Como te sentes, Gustavo, depois de todas estas emoções?

- Sinto-me cansado, Emílio, não estou triste, mas estou cansado. Não esperava saber todas estas coisas assim, numa tarde.

- Tudo bem. Entendo-te. Queres uma dose de Trazamal? Há uma evolução do medicamento, queres experimentar?

- Quero, Emílio, és um bom amigo.